

*Trabalhadores e Cidadãos. Nitro Química: a Fábrica e as Lutas Operárias nos Anos 50*, de Paulo Fontes. São Paulo, Annablume, 1997.

**Renato Perim Colistete** \*

Paulo Fontes oferece-nos nesse estudo sobre os trabalhadores da Nitro Química nos anos 50 uma contribuição que provavelmente terá seu lugar entre as mais importantes na historiografia do movimento operário no Brasil do pós-Segunda Guerra Mundial.

Há diversos aspectos notáveis no trabalho de Paulo Fontes, a começar pelo texto claro e objetivo com que apresenta os resultados de sua cuidadosa pesquisa. Entre outros méritos, o autor foi capaz de conduzir uma investigação minuciosa das relações de trabalho na Nitro Química sem perder de vista o amplo contexto econômico, social e político em que operários, supervisores, administradores e a própria empresa estiveram envolvidos. Esta não é – talvez ao contrário das aparências – uma tarefa fácil, muito menos sem maior significado analítico para a história como disciplina. O livro de Paulo Fontes é particularmente bem-vindo em um momento em que aspectos fundamentais como as relações econômicas, as organizações estatais e as ações de partidos, por exemplo, têm sido negligenciados em muitos estudos de história social realizados no Brasil.

Um exemplo da perspectiva abrangente adotada pelo autor encontra-se já no capítulo 1, em que são examinados os passos iniciais e o desenvolvimento da Nitro Química nos anos 40 e 50. Paulo Fontes recupera a origem do projeto Nitro nas políticas industrializantes dos anos 30 que, embora ainda incipientes, já eram significativas o bastante para garantir todo

---

\* Professor do Departamento de Economia, Unesp–Araraquara e Doutorando em história econômica pela Universidade de Oxford.

o apoio estatal (e pessoal de Getúlio Vargas) à proposta de uma empresa que pretendia tornar-se, a partir da manufatura do raio, o núcleo de uma poderosa indústria química nacional. O capítulo mencionado descreve de que modo a origem, em um projeto industrializante, fortemente inspirado pelas íntimas relações entre empresários e Estado, marcou diretamente os desenvolvimentos e dificuldades posteriores da empresa. De fato, a Nitro revelou-se incapaz de consolidar seu propósito original de tornar-se uma empresa líder atuando em áreas de ponta do setor químico. Vários projetos de diversificação produtiva foram abortados nos anos 50, mostrando os limites das relações íntimas com governos em um setor em que os gastos em Pesquisa & Desenvolvimento e a qualidade de processos produtivos são decisivos para o sucesso do empreendimento.

As raízes da Nitro refletiram-se também na ideologia corporativa que passou a ser veiculada nos discursos de dirigentes da empresa e no diversificado sistema de benefícios sociais construído na fábrica. Paulo Fontes mostra como a Nitro Química desenvolveu uma notável rede de assistência, que incluía vila operária, serviço médico, prevenção de acidentes, hospital, maternidade, berçário, cooperativa, restaurante, clube de lazer, prática de esporte e Escola Senai. Nas manifestações públicas dos dirigentes da empresa, esse enorme esquema assistencial foi sempre apresentado não somente como algo a ser valorizado pelo operário, em seu trabalho diário, mas também como parte de um esforço maior de construção nacional por meio da indústria. Um aspecto importante da análise de Paulo Fontes é o de que, apesar de dar grande ênfase às estratégias de dominação da empresa, ele não diminui o significado desse amplo programa assistencial. O autor argumenta que muitas vezes os serviços sociais tiveram origem na própria carência quase absoluta de alternativas de assistência pública ou privada (devido aos baixos salários); que esses serviços responderam aos vários problemas enfrentados pelos operários no local de trabalho; e, não menos importante, que o objetivo de incremento de produtividade consistiu em um importante estímulo para a introdução de benefícios. Estas são possibilidades promissoras de interpretação que

merecem ser exploradas com cuidado em outras análises dos sistemas de assistência social estabelecidos por empresas.

O significado que Paulo Fontes atribui à análise da evolução da Nitro Química, do ponto de vista de sua organização produtiva, linha de produtos e serviços sociais fica explícito no capítulo 3 de seu livro. Nesse capítulo o autor introduz os importantes temas das formas de contratação, alocação de tarefas e condições de trabalho, que estão diretamente relacionados ao que foi discutido nos capítulos anteriores. De uma maneira geral, a Nitro demonstrou reduzido empenho em adotar sistemas criteriosos de contratação, alocação e proteção da grande maioria de sua força de trabalho. Dispondo de um sistema produtivo que permitia amplo uso de mão de obra desqualificada e contando com uma abundante oferta de candidatos impelidos a aceitar salários extremamente reduzidos, a empresa geralmente optava pelo emprego intensivo de trabalhadores sob condições altamente insalubres e perigosas, típicas da manufatura de raíom, e agravadas ainda mais pela ausência de medidas efetivas que protegessem a saúde e a integridade física dos operários. Mesmo assim, Paulo Fontes apresenta evidências de mudanças na política de pessoal da Nitro que, com a ampliação dos serviços sociais e outros recursos, teria sido responsável por uma significativa redução da taxa de rotatividade da mão de obra e de acidentes ao longo dos anos 40 e 50.

Igualmente importante no capítulo 3 do livro é a análise da estrutura hierárquica dos cargos de supervisão na fábrica – chefes, contramestres e encarregados. Os chefes de seção foram, por vários anos, uma peça central na execução das metas estabelecidas por engenheiros e gerentes, o elo de ligação entre planejamento e produção propriamente dita na Nitro. O poder discricionário dos chefes era enorme, pois se encarregavam diretamente tanto da alocação de trabalhadores entre as diversas áreas da seção como da disciplina na fábrica – o que os levava a ter grande influência em promoções, punições e demissões. Contudo, tal quadro de proeminência dos chefes, argumenta Paulo Fontes, começou a declinar rapidamente em meados da década de 50, quando a Nitro Química introduziu os cursos TWI

(*Training Within Industry*) destinados a mestres e contramestres. Utilizado sistematicamente nas fábricas dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra, esse método de treinamento rápido de supervisores foi posteriormente disseminado na Europa e no Japão com as teses de incentivo ao crescimento da produtividade industrial. No Brasil, o TWI também foi rapidamente difundido em empresas como a Nitro Química, que buscavam melhorar seu desempenho via controle mais estrito da mão-de-obra e aumento do ritmo de produção. O autor sugere que tais mudanças na empresa podem ter contribuído sensivelmente para gerar tensões entre os trabalhadores, tensões estas que levariam às grandes mobilizações da segunda metade da década de 50.

Os capítulos seguintes tratam exatamente do contexto dessas mobilizações, partindo da história da organização no local de trabalho desde a fundação da empresa até o evento da “greve dos 400 mil”, ocorrida em 1957. O capítulo 4 pode ser lido como uma breve síntese das relações entre governos, trabalhadores, sindicatos e partidos do pós-guerra em São Paulo, vistas a partir do ângulo dos eventos na Nitro Química. Ali estiveram presentes as intensas mobilizações nos anos de 1945-1946, a violenta repressão patrocinada pelo governo Dutra – em particular a partir de maio de 1947 – a intervenção no Sindicato dos Químicos, a perseguição e a demissão de operários comunistas ou considerados como tais, a organização surda e informal de trabalhadores no local de trabalho durante os “anos de chumbo” do governo Dutra, a lenta e difícil recuperação da atividade sindical a partir do início dos anos 50, até o retorno de amplas mobilizações na segunda metade da década, simbolizadas pela greve de 1957 – que recebe destaque especial no capítulo 5.

Assim como acontece em outras partes do livro, há várias evidências e interpretações instigantes ao longo desses dois capítulos. Aqui, três exemplos podem ser destacados. Em primeiro lugar, na análise que faz da repressão que se abateu sobre os trabalhadores em 1947, Paulo Fontes chama a atenção para o reforço nos mecanismos de controle, disciplina e ritmo de trabalho na Nitro Química. A reação política que atingiu as

organizações sindicais e o Partido Comunista teve como um de seus efeitos o recrudescimento do regime de controle existente na fábrica, que possivelmente se traduziu em maior pressão sobre os operários, maior produtividade e maiores lucros. Ao mesmo tempo, o autor apresenta evidências de que a empresa teria adotado uma política mais agressiva de assistência social, ampliando benefícios e serviços simultaneamente à repressão. Se correto, tal fato indica uma atitude por parte da empresa que merece ser explorada quanto à sua representatividade em relação ao conjunto da indústria, inclusive na tentativa de identificar distintas estratégias empresariais envolvendo relações de trabalho, atuação no mercado e crescimento.

Em segundo lugar, os capítulos 4 e 5 mostram o papel destacado da militância comunista na história da Nitro Química, tanto na organização do sindicato da categoria como nas lutas diárias na fábrica. Sem diminuir o papel da grande maioria de não-militantes, Paulo Fontes argumenta convincentemente que os operários comunistas foram parte fundamental nas conquistas e derrotas dos trabalhadores da fábrica. Ainda que se refira somente a uma empresa, as informações levantadas pelo autor põem em xeque duas visões que, não obstante opostas, são altamente influentes na historiografia do período: uma que sustenta a alienação dos comunistas das fábricas, envolvidos como estariam em negociações de cúpula típicas da política populista; e outra que idealiza a ação dos trabalhadores como espontânea, não contaminada pela influência de militantes e pelas idéias políticas atuantes na época. O livro ora resenhado é mais um estudo que clama por uma revisão de teses arraigadas sobre a política sindical e partidária no Brasil dos anos 50.

Em terceiro lugar, os capítulos mencionados apresentam outros dados e opiniões que se chocam com boa parte da literatura relacionada ao assunto e ao período no Brasil. Tanto em seu exame da “greve dos 400 mil” quanto na parte dedicada a traçar a história das mobilizações envolvendo a Nitro Química, Paulo Fontes enfatiza o papel da fábrica como espaço de aprendizado, convivência, organização e conflito que marcou

profundamente a vida dos operários da empresa. Uma consequência desta perspectiva, por exemplo, é que as condições de trabalho aparecem como um tema recorrente nos protestos, lembranças e mobilizações envolvendo os trabalhadores da empresa. Em lugar de passividade diante do ambiente hostil e perigoso da fábrica por parte de trabalhadores recém-chegados de zonas rurais, os registros recolhidos pelo autor mostram uma realidade muito mais complexa e dinâmica, em que mesmo oferecendo serviços sociais inusitados, a empresa teve de enfrentar uma situação que esteve longe de estar sob controle em suas relações com os operários.

O conjunto de assuntos selecionados nesta resenha indica o alcance das informações e idéias apresentadas por Paulo Fontes em seu livro. Como foi dito no início, talvez o grande mérito desse estudo seja o fato de que, mais do que operários de uma companhia em seu mundo particular, o autor foi bem-sucedido em mostrar que a história dos trabalhadores da Nitro Química esteve intimamente associada às condições e aos destinos da empresa. Sua organização produtiva e sua linha de produtos, sua política de benefícios, sua atuação no mercado, sua relação com os governantes, bem como sua inserção nos conflitos ideológicos e políticos da época, todas estas dimensões (entre outras) da Nitro condicionaram profundamente as vidas e atitudes dos operários que por lá passaram.

O livro de Paulo Fontes, contudo, também permite observar a partir de um outro ângulo a relação entre empresa e trabalhadores, em que a ação destes últimos igualmente afetou a vida de uma poderosa companhia destinada a ser o núcleo da moderna indústria química nacional. Direta ou indiretamente, através de salários e condições de trabalho, qualificação e organização, os trabalhadores da Nitro Química influenciaram características básicas da empresa, de sua política de assistência social à eficiência produtiva. *Trabalhadores e Cidadãos*, enfim, oferece-nos um estimulante convite a repensar a história dos anos do desenvolvimentismo de uma maneira integral, muito mais do que a obra idealizada de um Estado inovador e de uma elite industrial conquistadora.